

UMA RELAÇÃO ENTRE O *CRONOTOPO* E A *PALAVRA*: APONTAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E ESBOÇOS ANALÍTICOS

Fabio Luiz de Castro DIAS¹

Thayrine Vilas BOAS²

RESUMO: A *palavra*, como nos diz Volóchinov (2017), *reflete e refrata* a existência em formação, processo pelo qual se constituem os acontecimentos e os sujeitos, de maneira dialógica. Como condição para a sua realização – seja como um *enunciado*, seja como um *signo* –, portanto, percebemos a necessidade de sua *localização* em um *acontecimento* de interação, na qual se efetiva o seu *uso*, conformando-se a uma certa relação espacial e temporal, à qual Bakhtin (2018) refere-se como *cronotopo*. Logo, objetivamos analisar a constituição da palavra como produção ideológica no *circuito da alteridade*, nos atos processuais entre a *palavra alheia* e a *palavra minha*, configurando-se, pelas suas refrações de sentido, como um *refrator referencial* das unidades cronotópicas na quais se formam. Para fazê-lo, elaboramos uma análise interpretativa de uma tirinha de Henfil (2012), na qual podemos desenvolver uma compreensão responsiva da ocorrência dos fenômenos aludidos.

PALAVRAS-CHAVE: Palavra, Cronotopo, Enunciado, Refração.

ABSTRACT: The word, as Voloshinov (2017) says, *reflects and refracts* the existence in formation, a process by which events and subjects are constituted in a dialogical way. As a condition for its realization – either as an *utterance* or as a *sign* –, therefore, we realize the need of *locating* it in an interaction *event*, in which its *use* becomes effective, conforming itself to a certain spatial and temporal relationship, that Bakhtin (2018) refers to as a *chronotope*. Thus, we aim to analyze the constitution of the word as an ideological production in the *circuit of otherness*, in the procedural acts between the *word of others* and the *word of mine*, configuring itself, by its refractions of meaning, as a *referential refractor* of the chronotopic units in which they are formed. To do so, we elaborate an interpretative analysis of a Henfil's (2012) comic strip, in which we can develop a responsive understanding of the occurrence of the alluded phenomena.

KEYWORDS: Word, Chronotope, Utterance, Refraction.

¹ Graduando em Letras pela Universidade Federal de Lavras – UFLA. Integrante do Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin (GEDISC/UFLA/CNPq).

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Lavras – UFLA.

Introdução

Observando os fenômenos linguísticos sob um ponto de vista discursivo e para além de apenas uma descrição, conseguimos compreender a amplitude e a profundidade das suas complexidades, já que não se formam como *instrumentos*, mas, sim, como processos pelos quais as vidas humanas se constituem e se determinam, pelos quais os sujeitos se percebem e se sentem em relação a si e ao outro e pelos quais conseguimos, em nossa condição humana, *representar* o mundo, como muito bem nos diz Benveniste (1988), em a *Da subjetividade na linguagem*:

Na realidade, a comparação da linguagem com um instrumento [...] deve encher-nos de desconfiança, como toda noção simplista a respeito da linguagem. Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. *Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem* (p. 285, grifo nosso).

Por uma de suas faces, enquanto *uso social*, define-se como produção ideológica, cujas práticas configuram-se de diferentes modos, a depender das condições de sua realização em, para e por sujeitos de classes diferentes e de grupos variados, distinguindo-se, como nos aponta Medviédev (2012), dos corpos físicos, dos instrumentos de produção e dos produtos de consumo (p. 51), formando-se, no entanto, como uma materialidade própria: enquanto *signo* no e pelo qual *se reflete* e *refrata-se* a nossa existência em formação (VOLÓCHINOV, 2017, p. 106).

Logo, almejamos, apoiando-nos em definições do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov – doravante, CBMV –, contribuir para as discussões epistemológicas sobre o conceito de *palavra*, buscando entendê-la em sua relação com o *acontecimento* e com o *cronotopo*. De mesmo modo, desejamos defini-la, antes de mais nada, em sua inserção no movimento pelo qual se dá o seu engendramento ideológico: no *circuito da alteridade*, no qual se figura ora como *palavra alheia*, ora como *palavra minha*, em um conflito dialógico cujos reflexos irradiam-se para o interior de sua constituição.

Em especial, direcionamo-nos à relação de *refração referencial* entre a palavra e o cronotopo, analisando, para a sua realização enquanto produção ideológica de sentido

uniocorrente, a sua inseparabilidade do acontecimento da *eventicidade histórica* no qual se forma e ao qual se remete. Estabelecemos, também, uma análise da interação entre cronotopos (em especial, entre o do enunciado e o do evento), em sua recíproca regulação para a criação das *imagens cronotópicas*. Como exemplo, usamos uma tirinha de Henfil [1944-1988], que nos possibilita uma compreensão da palavra como um signo ideológico, cujas *funções sígnicas* formam-se como os liames de um processo de *representação*, através do qual se estabelece uma relação cronotópica.

Apontamentos epistemológicos

1.1. Sobre a *palavra*

A partir do campo epistemológico e metodológico do CBMV, podemos abordar as problemáticas filosóficas e linguísticas sobre a *palavra* situando-nos em diferentes alocações analíticas. Entre as muitas, manifestam-se, por exemplo, a de sua relação dialética com o *heterodiscurso*, determinando-se, através dos seus *usos* múltiplos, como uma *concretude sígnica* das interações discursivas entre os sujeitos em sua organização social. Porém, percebemos a formação de uma convergência: para além do modo específico pelo qual podemos compreender a palavra, necessitamos, como uma condição para a nossa atividade, de observá-la e avaliá-la enquanto o *signo ideológico* por excelência, como nos afirma Volóchinov (2017).

Ao lado do *domínio* no qual se emergem os fenômenos mundanos, como os da *natureza*, há, segundo o referido filósofo russo, “o mundo dos signos” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93), que se nos relevam como *objetos materiais* marcados pelas suas próprias unicidades. Contudo, nas suas palavras, “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). E, constitutivamente, os signos formam-se como *unidades ideológicas*. Logo, “*tudo o que é ideológico possui significação sígnica*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93), que se realiza em certo material, como a cor, o som, o gesto, etc.

Devemos considerar o signo ideológico formando-se na interação entre, no mínimo, duas *consciências* únicas, que se realizam, por sua vez, no processo de sua encarnação ideológica em um material sígnico, dialeticamente. Segundo Volóchinov (2017),

essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social (p. 95).

Portanto, compreendemos que, em primeiro, “um signo só pode surgir em um *território interindividual* [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96) e que, em segundo “*a consciência individual é um fato sociológico*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97), que “[...] se forma e se realiza no material sgnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 97).

Entretanto, entre os variados signos ideológicos, a palavra institui-se como o primário, elegendo-se como “[...] *o fenômeno ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98), uma vez que a sua constituição e a sua existência se dissolvem em sua múltipla funcionalidade sgnica, o que faz com que se torne “[...] *o medium* mais apurado e sensível da comunicação social” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99). Às suas características de *representatividade*, de *significação* e de *clareza*, junta-se a de sua *neutralidade*. Na voz de Volóchinov (2017),

a palavra não é apenas o mais representativo e puro dos signos, mas também um *signo neutro*. todos os demais materiais sgnicos são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos inaplicáveis a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa (p. 99).

Além de figurar-se nas mais diferentes esferas ideológicas, a palavra se manifesta como um dos principais signos da *comunicação cotidiana*, domínio no qual se forma a *ideologia do cotidiano*. Para o filósofo russo, “por um lado, ela entra diretamente em contato com os processos produtivos e, por outro, ela se relaciona com as várias esferas ideológicas já formadas e especializadas” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99). E, entre os signos ideológicos, “[...] a *palavra* é o material mais usual da comunicação cotidiana” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99-100).

Para as nossas considerações, porém, a característica mais importante da palavra – que pertence aos signos ideológicos em geral, também –, que se vincula às suas funções na esfera da comunicação cotidiana, é a sua presença constitutiva e reguladora como *medium* das consciências únicas em interação discursiva. Ou seja, a palavra, enquanto fenômeno efetivando-se no mundo, revela-se como o *liame ideológico* no e pelo qual os

sujeitos, em uma organização social, ligam-se em suas interações discursivas. Logo, compreendemos que se trata do signo pelo qual se materializa a *alteridade* entre os sujeitos, haja vista que, segundo Volóchinov (2017), “a palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor” (p. 205).

Pelos seus usos *uniocorrentes*, que se regulam na e pela alteridade através da qual se constitui, a palavra se coloca, já que se marca pela sua *onipresença social*, à mercê dos processos de *refração ideológica*, pois se configura como a unidade, para Volóchinov (2017), no interior da qual se formam e “[...] *cruzam-se ênfases multidirecionadas*” (p. 113), que se determinam, por sua vez, pelos conflitos entre as distintas *cosmovisões* das classes sociais. Compreendemos, então, que “a existência não apenas é refletida no signo, mas também é *refratada nele*” (p. 112).

Portanto, a palavra, enquanto signo ideológico, constitui-se no *circuito da alteridade* entre sujeitos que se encontram sob as condições das organizações de sua sociedade, refratando-se no seu percurso da instância do *eu* à do *outro*, no qual ora se manifesta como *palavra minha*, ora como *palavra alheia*. E, compreendendo os embates pelos quais se engendra, devemos perceber, segundo Bakhtin (2017), que, “para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias palavras e nas do outro, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se, e nessas fronteiras desenvolvem-se uma tensa luta dialógica” (p. 38).

Enquanto um *enunciado responsivo* – ou figurando-se como uma uniocorrência composicional de uma enunciação –, a palavra encontra-se à mercê dos processos refracionários, lançando-se aos movimentos prospectivos e retrospectivos em certos *acontecimentos*³ de interação discursiva nos quais *se instauram* os sujeitos do discurso, que, cada qual em sua unicidade arquitetônica, realizam os seus atos enunciativos – nos quais se inserem, também, as suas *compreensões ativas*. Mais ainda, como plano no e pelo qual representamos as nossas existências, o enunciado, nas palavras de Bakhtin

³ O conceito de *acontecimento*, ao qual nos referiremos em nossas análises, trata-se da tradução do conceito russo событие (*sabýtie*), que se verteu, também, como *evento* para a nossa língua. Aqui, apoiamo-nos na compreensão de Villarta-Neder (2018b), segundo o qual, “embora de difícil tradução, o termo russo empregado por Bakhtin sempre alude a um processo e a um ato que posiciona o sujeito em relação ao mundo que este percebe no interior do qual se percebe na relação com o outro” (p. 12). Sobre, em *Ato/atividade e evento*, Sobral (2016) diz-nos também que o “evento, conceito que perpassa o tempo inteiro o texto sobre a filosofia do ato, pode ser definido como o processo de irrupção de entidades, ou objetos, no plano histórico concreto (*geschichtlich*), como a presentificação, ou a apresentação, dos seres à consciência viva, isto é, situada no concreto. Assim como não há objetos que não ocorram, ou seja, não se tornem eventos, não há eventos que não ocorram sem a presença de objetos, ou entidades” (p. 26-27).

(2016), configura-se como “[...] a *real unidade* da comunicação discursiva [...]” (p. 28), cujas zonas limítrofes dão-se pela “[...] *alternância dos sujeitos do discurso* [...]” (p. 29). Aqui, fica-nos clara a característica da atitude responsiva dos atos enunciativos, pois, na voz de Bakhtin (2016),

o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o concluiu sua fala (p. 29).

A palavra, portanto, seja se figurando como um enunciado, seja se manifestando como unidade ideológica e verbal na ordem composicional de uma enunciação, encontra-se sob às ordens da responsividade, movimento pelo qual se submete aos processos de refração. Por suas características, torna-se o signo mais adequado e usual para quaisquer de nossas compreensões ativas e responsivas, acompanhando, como nos diz Volóchinov (2017), “[...] *toda criação ideológica como seu ingrediente indispensável*” (p. 100).

E, permitindo-nos um *passo* de compreensão responsiva, podemos utilizar-nos do conceito *em russo* para estabelecermos uma aproximação sintética entre o discurso e a palavra: *слово (slovo)*. Grillo e Américo (2017) afirmam que a vocábulo russo “tem um significado amplo, que compreende desde a unidade lexical até a ‘linguagem verbal em uso’ ou o enunciado e o discurso” (p. 364). E, em muitos casos, a relação entre a palavra minha e a palavra alheia institui-se como uma interação entre o *discurso autoral* e o *discurso alheio*, processo pelo qual se realiza qualquer ato de autoria, quando “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha)” (BAKHTIN, 2017, p. 40). Sobre Volóchinov (2017) fala-nos que “o ‘discurso alheio’ é o *discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado*, mas ao mesmo tempo é também o *discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado*” (p. 249). Trata-se da interação dinâmica e reguladora entre o *contexto autoral* e o discurso alheio, movimento pelo qual a palavra do outro submete-se a uma série de refrações ideológicas e de variações semânticas. Entretanto, compreendamos que, em certos casos,

[...] o enunciado alheio não é apenas o tema do discurso: ele pode, por assim dizer, entrar em pessoa no discurso e na construção sintática como seu elemento construtivo específico. Nesse caso, o discurso alheio mantém a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou (VOLÓCHINOV, 2017, 249).

Agora, antes de elaborarmos as nossas análises, passemos aos nossos apontamentos sobre o conceito de *cronotopo*, sem o qual não realizaremos a nossa proposta.

1.2. Sobre o *cronotopo*

Nas primeiras páginas de *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*, Bakhtin (2018) dá-nos a seguinte definição do seu conceito:

chamaremos de *cronotopo* (que significa “tempo-espaço”) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura. Esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na teoria da relatividade (Einstein). Para nós não importa o seu sentido específico na teoria da relatividade, e o transferimos daí para cá – para o campo dos estudos da literatura – quase como uma metáfora (quase, mas não inteiramente); importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço) (p. 11).

Deparamo-nos, também, com uma acepção mais ampla do conceito de cronotopo ou de *cronotopia* – pois se refere às configurações espaciais e temporais em qualquer produção discursiva –, segundo a qual

[...] podemos dizer que *cronotopia* é a relação tempo-espaço envolvida na produção de discurso. O cronotopo liga-se ao que Bakhtin denomina de “grande temporalidade”, podendo, portanto, ser conceituado como “a expressão de um grande tempo”. Enquanto o espaço é social, o tempo é histórico, pois é a dimensão do movimento no campo das transformações e dos *acontecimentos*. Cada cronotopo pode incluir outros cronotopos [...] (GEGe, 2009, p. 25).

Na literatura, o espaço e o tempo instituem-se como componentes indispensáveis à realização da constituição e do desenvolvimento do fluxo narrativo, no qual se situam, enquanto o seu núcleo operador, as personagens, cujas formações realizam-se através dos seus atos localizados na *eventicidade* dos acontecimentos *representados* pela narração. E, aí, manifesta-se o cronotopo enquanto *enquadre* espacial e temporal dos eventos e das personagens, realizando-se como “[...] uma dimensão formal constitutiva das narrativas que define os rumos da trama na literatura, podendo-se inferir, portanto, da vida das pessoas” (MACÊDO e VIEIRA, 2015, p. 123).

Portanto, buscamos estabelecer o início de uma extensão epistemológica, pela qual compreendemos o cronotopo como um conceito imprescindível às análises de outras

manifestações discursivas, uma vez que, dando-se através dos *enunciados*⁴ nos quais se reflete e refrata-se a existência humana em formação, os discursos nos são produções históricas e sociais, localizadas e situadas, por meio das quais se organizam as formas de percepção do espaço e do tempo, tornando-se dependentes, inelutavelmente, para se constituírem enquanto sentidos produzindo-se entre sujeitos, de uma das suas condições de possibilidade: o cronotopo.

E, então, entramos na seguinte problemática: como *percebemos e sentimos* o espaço e o tempo? Bakhtin (2011b), em *O tempo e o espaço nas obras de Goethe*, aponta para a inseparabilidade da relação entre dois dos seus conceitos: acontecimento e cronotopo. Segundo o filósofo russo,

a capacidade de *ver o tempo*, de *ler o tempo* no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os *indícios do curso do tempo* em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (até conceitos abstratos) (p. 225).

⁴ Em russo, *высказывание* (*vyskazyvanie*). Trata-se de um conceito que se traduziu para a nossa língua como *enunciado*, *enunciação* e *enunciado concreto*. Segundo Villarta-Neder (2018a), “para os autores do Círculo de Bakhtin, a noção de *vyskazyvânie* (*высказывание*) implica processo. Em russo há dois verbos para ‘falar’: *gavarit* (*говорить*) (perfectivo = ação ou evento definido = falar uma língua) e *skazat* (*сказать*) (imperfectivo = falar em geral). Daí o verbo expressar-se é *vyskazat* (*высказать*), algo como *dizer para fora, para o outro*, já que *вы* é um prefixo verbal que aponta para a exterioridade. Há a variante *vyskazyvat* (*высказывать*), forma verbal que se mantém imperfectiva, evidenciando, ainda, a noção ‘processo’. Foi a partir desse verbo que o Círculo de Bakhtin criou o substantivo *vyskazyvânie* (*высказывание*), que foi traduzido por *enunciado*, mas que poderia ser entendido por algo como *processo de enunciar*” (p. 1-2). A partir das considerações de Villarta-Neder sobre o conceito de enunciado do CBMV, portanto, desenvolvemos as nossas reflexões. Todavia, dois desdobramentos parecem-nos importantes: primeiro, trata-se de uma concepção de *língua(gem)* na qual a fixidez e a imutabilidade não se fazem presentes; segundo, como o nosso enunciado é o meio pelo qual *conscientizamos* o mundo, representando-o sob a ordem da alteridade, devemos admitir que as nossas representações tratam-se de *processos*, cujos desenvolvimentos encontram-se para além do nosso ato de enunciação (o instante de produção, digamos), ecoando-se em um futuro ao se remeter aos ecos de um passado. As nossas representações vinculam-se de modo dialógico, já que os nossos enunciados se ligam na formação de cadeias enunciativas em multidireções. E, aqui, deparamo-nos com mais duas definições do conceito do CBMV, pelas quais se diferencia das de outras abordagens. A primeira: “é um elo na cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica etc). O enunciado sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta” (GRILLO & AMÉRICO, 2017, p. 357). Ou seja, um enunciado nunca se isola na história, como se se mantivesse como uma unidade autárquica e independente. Ao contrário, sempre é, dialogicamente, *retrospectivo* e *prospectivo*. A segunda: já que se trata de um *processo de enunciar*, não nos parece aceitável a separação entre o enunciado – *produto* – e a enunciação – *produção* –, comum em muitas abordagens linguísticas. O conceito do CBMV define-se como uma globalidade aberta e processual na qual a produção e o produto se encontram articulados. E, logo, estamos de acordo com Silva (2013), segundo a qual, “para algumas teorias que estudam a linguagem, a enunciação é o ato de pôr em uso o sistema da língua (um processo) e o enunciado é o resultado desse ato (produto). Em outras palavras, para estas teorias, o enunciado é o produto de um processo, que é a enunciação. No pensamento bakhtiniano, essa distinção não é posta, pois um dos conceitos fundamentais da teoria é o de enunciado concreto, que é um todo formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção” (p. 49).

E, ainda, afirma-nos que se trata de um processo se realizando “[...] em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho) [...]” (BAKHTIN, 2011b, p. 225). Encontramo-nos, na verdade, não com o espaço e com o tempo enquanto *objetos representáveis*, mas, sim, enquanto *enquadres intuíveis para a representação*, de formação histórica e social, os quais *inferimos* quando nos localizamos e situamo-nos nos acontecimentos de nossas relações históricas e sociais com os objetos e com os sujeitos, através de nossas alteridades. Morson e Emerson (2008) afirmam-nos que, “em seu sentido primário, um cronotopo é uma maneira de compreender a experiência; é uma ideologia modeladora da forma específica para a compreensão da natureza dos eventos e ações” (p. 384). Logo,

todos os contextos são moldados fundamentalmente pelo tipo de tempo e espaço que operam dentro deles. Kant, como se sabe, afirmou que tempo e espaço são formas de cognição indispensáveis, e Bakhtin endossa explicitamente essa concepção. Mas diverge de Kant ao enfatizar que na análise cronotópica tempo e espaço são encarnados “não como ‘transcendentais’, mas como formas da realidade mais imediata” (FTC, p. 85, n. 2). A tese crucial de Bakhtin é que o tempo e o espaço variam em *qualidades*; diferentes atividades e representações sociais dessas atividades presumem diferentes tipos de tempo e espaço. Tempo e espaço não são, pois, meras abstrações “matemáticas” neutras. Ou, para ser mais exato, o conceito de tempo e espaço como abstração define, ele próprio, um cronótopo específico que difere de outros cronótopos (MORSON; EMERSON, 2008, p. 384)⁵.

Assim, a nossa *percepção* e a nossa *sensação* do espaço e do tempo – incluindo a nossa *visão* – advém-se de nossas interações com o mundo, nas e pelas quais elaboramos as nossas *inferências cronotópicas*, cujas configurações realizam-se como históricas através de nossas formas de organização social, nas quais se situam os modos de desenvolvimento de nossos sistemas de produção material. Como nos diz Morson e Emerson (2008), “como críticos, devemos sondar não apenas as representações mas também *o próprio fundo para a representação*” (p. 387). Por meio de nossas atividades e de nossos atos, portanto, manifesta-se o cronotopo à nossa percepção como um enquadre intuível do qual necessitamos para a constituição de nossas ações e de nossas *representações*, de maneira dialética. Logo,

⁵ Remetamo-nos às palavras de Bakhtin sobre a sua relação com a filosofia kantiana. Segundo o pensador russo, “em sua ‘estética transcendental’ [...], Kant define o espaço e o tempo como formas necessárias de todo conhecimento, a começar pelas percepções e representações elementares. Aceitamos a apreciação kantiana do significado dessas formas no processo de conhecimento, mas, à diferença de Kant, não as consideramos como ‘transcendentais’ e sim como formas da própria realidade factual” (BAKHTIN, 2018, p. 12). Compreendemos que se trata de uma relação complexa, cujos desdobramentos colocam-se para além dos principais objetivos de nossa atual escituração. Em outro artigo, buscaremos abordá-la de maneira precisa e adequada.

o trabalho do olho que vê se combina aqui com os mais complexos processos de pensamento. Entretanto, por mais que esses processos cognitivos sejam profundos e saturados das mais amplas generalizações, eles não se dissociam até o fim do trabalho do olho, dos indícios sensoriais concretos da palavra figurada viva (BAKHTIN, 2011b, p. 226).

Sobre o tempo, quarta dimensão do espaço segundo a *Teoria da Relatividade*, Bakhtin (2011b, p. 225) diz-nos que se trata de uma temporalidade histórica. Nas suas palavras, “os visíveis indícios complexos do tempo histórico, na verdadeira acepção do sentido, são vestígios visíveis da criação do homem, vestígios de suas mãos e da sua inteligência: cidades, ruas, casas, obras de arte, técnicas, organizações sociais, etc.” (BAKHTIN, 2011b, p. 225). O *onde* e o *quando*, de planos históricos e sociais, tornam-se os meios pelos quais se *historicizam* o espaço e o tempo, que se articulam em uma consubstanciação pela qual se constituem e regulam-se de maneira dependente. Em relação à interligação constitutiva e reguladora entre o espaço e o tempo, portanto, direcionamo-nos à *eventicidade histórica* do acontecimento.

As nossas imagens do cronotopo formam-se quando inferimos o espaço e o tempo enquanto enquadres históricos e ideológicos se realizando segundo as nossas organizações culturais e sociais, através de nossas relações, em alteridade constitutiva e reguladora, com os objetos e com os sujeitos nos acontecimentos do e no mundo, quando, entretanto, realizamos as nossas representações por meio de nossos enunciados. E, assim, percebemos os *lastros* do tempo no espaço, pelos quais entendemos que “[...] o sinal da história é humano e necessário, nele o espaço e o tempo estão ajustados em um bloco indissolúvel” (BAKHTIN, 2011b, p. 242).

Ao considerarmos que as nossas representações do mundo se efetivam através de nossos enunciados – ou seja, de nossas produções discursivas –, necessitamos de reconhecer um duplo movimento do cronotopo: *primeiro*, a sua *formação* nos e pelos nossos atos enunciativos, nos quais a sua *imagem* se constrói enquanto enquadre histórico e social através do qual compreendemos o universo de nossas ações através de nossas representações; *segundo*, a sua *realização* como condição de necessidade para a constituição dos nossos enunciados, haja vista que, enquanto “[...] categoria de conteúdo-forma [...]” (BAKHTIN, 2018, p. 11), torna-se uma exigência inelutável aos nossos processos de representação, já que somente conseguimos fazê-lo localizando-nos e nos situando – *alocando*, também, os objetos e os sujeitos de nossas relações – na eventicidade histórica de um acontecimento dando-se no espaço e no tempo.

Diferem-se, entretanto, os cronotopos, o que se efetiva pela interação entre os posicionamentos históricos dos lugares unio corrente dos sujeitos. Na literatura, distinguem-se o do autor, o da obra, o da narração e do leitor, que se constituem, entretanto, regulando-se na relação de construção de sentidos. Nas palavras de Morson e Emerson (2008), “como percepções do mundo, eles podem discordar (ou concordar) implicitamente entre si” (p. 186). Sobre, Bakhtin (2018) fala-nos que

o início e o fim do acontecimento narrado (representado) e o início e o fim da narração (representação) desse acontecimento são acontecimentos completamente diversos, situados em diferentes universos e, antes de tudo, em diferentes cronotopo: no cronotopo das personagens, no cronotopo do autor (narrador) e no cronotopo do ouvinte (ou leitor). É muito complexa a inter-relação desses três cronotopos (no cronotopo do autor entre o cronotopo do ouvinte, que o autor procura antecipar e a quem se dirige a sua narrativa) (p. 238-239).

Logo, não nos parece possível a dissociação entre o acontecimento e o cronotopo. E, concomitantemente, à medida que se formam nos e pelos atos enunciativos dos sujeitos em relações alteritárias, encontram-se sob a égide do *devir*, alterando-se no movimento das construções ideológicas de sentidos, que, por sua vez, estão em relação de dependência com as condições materiais da existência social. O cronotopo, dando-se como uma exigência para a realização dos processos discursivos – de representação –, constitui-se, de maneira *refratada*, através de cada um dos posicionamentos em interação no acontecimento. Colocando-nos ainda além, compreendemos que há uma interdependência entre cronotopos, que se regulam quando um acontecimento, por exemplo, reflete-se e se refrata em um enunciado *escrito*, pelo qual se faz, aliás, *re-apresentar*.

Voltemo-nos, portanto, aos caminhos de nossas análises, pelas quais almejaremos apresentar, de modo interpretativo, a nossa compreensão dos fenômenos aos quais nos referimos. Primeiramente, contudo, desejamos esclarecer alguns de nossos princípios metodológicos.

Esclarecimentos metodológicos

Antes de iniciarmos a nossa atividade analítica, gostaríamos de ressaltar os seguintes pontos metodológicos: iremos nos abster, aqui, de uma discussão acerca dos problemas relacionados aos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2016), por mais

determinante e preciso que nos pareça, haja vista que se formam cronotopos estáveis de determinados gêneros, como nos aponta Morson e Emerson (2008)⁶.

A nossa escolha ancora-se em nossa necessidade de focalização epistemológica sobre certos aspectos dos fenômenos aos quais nos direcionamos: a palavra, enquanto signo ideológico constituindo-se nos e pelos atos enunciativos de representação da existência em formação, como índice realizador de uma *refração referencial* de um evento *se instantizando* em certo cronotopo, processo pelo qual se forma, dialeticamente, a unidade cronotópica do enunciado em relação de interdependência com a eventicidade histórica. Ao refratar um acontecimento, a palavra passa, de modo ideológico, a representá-lo enquanto ocorrência histórica e social em determinada configuração espacial e temporal no interior de uma enunciação. Entretanto, para a constituição de uma produção enunciativa, compreendemos a necessidade de sua uniocorrência em certo enquadre cronotópico, dialogicamente.

Ainda, consideramos que a nossa análise se divide em dois momentos: no primeiro, estabeleceremos uma relação entre a tirinha de Henfil, a qual compreendemos como um enunciado, e a situação histórica e política no interior da qual se localiza, observando como o acontecimento reflete-se e se refrata através do lugar unioorrente do autor do ato enunciativo, por cujas imagens institui-se um cronotopo constitutivo e regulador; no segundo, relacionando-nos com o primeiro, analisaremos os usos da *palavra* – por exemplo, do nome próprio *Maluf* – em três *instantes* no interior do enunciado, nos quais conseguimos mapeá-las se movimentando, constituindo-se como réplicas, pelo circuito da alteridade, ao instituir-se em distintos pontos do andamento cronotópico do enunciado. Entretanto, afirmamos que ambos os instantes de nossa análise se imbricam, de modo a se situarem em uma responsividade.

Caminhos analíticos

Assim, para principiarmos a nossa análise, leiamos a tirinha abaixo:

Figura 1: tirinha analisada

⁶ “É como se cada gênero possuísse um *campo* específico que determina os *parâmetros* dos eventos, embora o campo não especifique unicamente eventos particulares. Estudar o campo é estudar o cronótopo” (MORSON; EMERSON, 2008, p. 387).



Fonte: Henfil (2012)

Chamando-se *Teste de memória*, a tirinha localiza-se na década de 1980, referindo-se a uma série de acontecimentos históricos e políticos, em cujo cronotopo enquadra-se enquanto um enunciado responsivo. Em sua responsividade prospectiva e retrospectiva, vincula-se, de modo ativo, a outros atos enunciativos, aos quais, contudo, não nos referiremos. Mas trata-se de uma *palavra responsiva* à situação política do período no qual se engendrou o processo de sua formação. Todavia, interessa-nos, aqui, a relação constitutiva e reguladora entre o acontecimento e o enunciado. Em *Para uma filosofia do ato*, Bakhtin (1993) dá-nos as características do seu conceito de acontecimento. Segundo as palavras do filósofo russo,

esse mundo-como-evento não é exatamente um mundo do ser, daquilo que é dado: nenhum objeto, nenhuma relação é dada aqui como algo simplesmente dado, como alguma coisa totalmente à mão, mas é sempre dado em conjunção com um outro dado que está conectado com aqueles objetos e relações, a saber, com aquilo que está ainda-por-ser-alcançado ou determinado [...] (p. 49-50).

E, indo além, afirma-nos que

o puro dado não pode realmente experimentado. Na medida em que eu esteja realmente experimentando um objeto, mesmo que eu faça isso em pensamento, ele se torna um momento mutante do evento em processo da minha experiência (pensamento) com ele, isto é, ele assume o caráter de algo-ainda-para-ser-alcançado. Ou, para ser exato, ele é dado a mim dentro de uma certa unidade de evento, na qual os momentos daquilo que-é-dado e daquilo que-é-para-ser-alcançado, daquilo que-é e daquilo que-deve-ser, do ser e do valor, são inseparáveis (p. 50).

Em suma, o acontecimento define-se pela sua necessária abertura axiológica e semântica aos sujeitos, que se constituem, por sua vez, à medida que constroem, em suas relações de alteridade, sentidos sobre si, os outros e os objetos na eventicidade histórica na qual se instauram, através da qual se percebem e se representam. Determina-se,

portanto, em sua oposição epistemológica à ideia de *fato*, segundo a qual a realidade dos sentidos se daria no *puro dado* em sua independência dos sujeitos, que, então, seriam os seus averiguadores ou os seus espectadores.

Mas qual a importância do conceito bakhtiniano para o princípio de nossa análise? Bem, parece-nos indispensável que consideremos a tirinha de Henfil como um enunciado responsivo, cuja uniocorrência, além de refleti-lo e de refratá-lo, constitui um determinado acontecimento: as eleições gerais de São Paulo na década de 1980. Dialogicamente, a referida enunciação encontra-se em relação de dependência com a eventicidade histórica, no interior da qual se forma, para se efetivar enquanto a sua representação irrepetível em interação ativa e responsiva com outros lugares e outras posições. Portanto, o acontecimento e o enunciado interpenetram-se ao se constituírem e se regularem nas produções ideológicas de sentido, em sua interdependência. A enunciação torna-se a unidade pela qual representamos a nossa existência em formação.

De modo claro, conseguimos intuir o *campo* de ocorrência da representação, isto é, o cronotopo no qual se constitui a enunciação, que se institui, por seu lado, como a unidade pela qual se configura, de um modo refratado, a imagem cronotópica. E, pela tirinha, intuímos a formação cronotópica na qual se realiza o acontecimento. Fazemo-lo através de um índice operador de referência, pelo qual o evento histórico enquadra-se em um cronotopo e se refrata em um enunciado: o nome próprio *Maluf*, por exemplo. Através de nosso olhar analítico, logo, compreendemos que, no ato enunciativo, uma palavra, uma expressão, um sintagma ou uma sentença não somente estabelece uma *referenciação*, mas, concomitantemente, realiza uma refração, o que se dá através de processos discursivos aos quais se submetem os fenômenos linguísticos.

Agora, passando ao segundo momento de nossa análise, busquemos entender como se organiza o cronotopo enunciativo através da palavra em seu circuito da alteridade, sempre nos atentando à premissa segundo a qual os aspectos intrínsecos de um enunciado refletem e refratam os acontecimentos históricos da existência em formação a partir de um lugar único e uniocorrente se posicionando, na e pela alteridade, ideologicamente.

Como assinalamos na seção de apontamentos epistemológicos, a palavra, enquanto signo ideológico, emerge-se e se desenvolve *entre* sujeitos únicos localizando-se em lugares uniocorrente no mundo, que se constituem, no entanto, em suas ininterruptas interações sociais sob as condições da organização ideológica e material de sua sociedade. Trata-se de uma unidade verbal no interior da qual se entrecruzam

múltiplas acentuações de valor formadas em duas direções: na da classe, mais ampla, e na do sujeito, mais estrita, que são interdependentes⁷. Logo, admitamos, em primeiro, a complexa existência da palavra enquanto processo, correlacionando-a ao *dever alteritário* pelo qual se marca o sujeito em sua constituição. Em segundo, as *personagens* enquanto reflexos refratados de vozes sociais, posições ideológicas existentes, em dado cronotopo, no plano imediato de certa configuração de nossa realidade social.

A tirinha divide-se em três quadros, aos quais podemos relacionar, em determinada medida, três *instantes cronotópicos*, em cujas relações forma-se cronotopo global do enunciado enquanto uma plenitude de relativo acabamento. Porém, aprofundando-nos, poderíamos afirmar que, para os dois personagens constituindo-se e se presentificando em cada um dos momentos, pelos seus lugares uniorrentes de sujeitos únicos – representados, evidentemente –, os cronotopos manifestam-se de maneira singular em e para cada um, refratando-se, pois, a partir suas localizações no acontecimento no qual se instituem, desenvolve cada qual o seu modo irrepitível e particular de relação, de ação e de representação. Entretanto, compreendamos que jamais se dissociam. Ao contrário, como são, em alteridade, dependentes um do outro para se formarem, acabam se regulando em quaisquer das suas atividades. Assim, mesmo constituindo-se e se refratando a partir de cada um dos lugares uniorrentes dos personagens – pelas suas ações e pelas suas representações –, os *seus* cronotopos regulam-se de maneira *dialógica*.

No primeiro instante cronotópico, deparamo-nos com os dois personagens – aos quais chamaremos, da esquerda para a direita, de P1 e de P2, respectivamente –, que se encontram em uma situação discursiva, cuja realização constitui-se como uma representação refratada de um *tipo de intercâmbio comunicativo*, como nos aponta Volóchinov (2013): o da *vida cotidiana*. Localizam-se, então, em um acontecimento de interação verbal e de relação alteritária, constituindo-se um no e pelo outro enquanto *dever dialógico*, que se emerge de uma eventicidade histórica de complexidade direcionada a diversos planos entrecruzados e interdependentes de ação: econômico, político, cultural, social, religioso etc.

Aqui, encontramos-nos com a primeira forma de relação com o *discurso do outro* no movimento da palavra alheia à palavra minha no circuito da alteridade, o que nos liga

⁷ Mais sobre, de modo breve, podemos encontrar em Oliveira, Castro Dias e Custódio (2018, p. 339). Em seu texto, os autores mostram-nos como, em apontamentos iniciais, desenvolvem-se as refrações ideológicas em ambas as direções: na da classe e na do sujeito.

ao primeiro momento de nossa análise. Referimo-nos à passagem do discurso alheio, que se representa, na tirinha, pelos enunciados dos personagens, ao aural, pelo qual o primeiro se refletiu e refratou-se no enunciado para o qual se movimentou, o que nos mostra, nas palavras de Volóchinov (2017), “[...] *a relação ativa* de um enunciado com outro, não no plano temático, mas nas formas construtivas estáveis da própria língua” (p. 251). Logo, os personagens nos são vozes sociais constituindo-se e se dando nos e pelos seus enunciados, de caráter interacional, movimentando-se no circuito da alteridade, transições graças às quais se refrata, modificando-se em um *continuum*. Parece-nos importante que consideremos, aqui, a formação do cronotopo do enunciado em relação ao da eventicidade histórica, cuja mútua constituição refratada – pois se refletem enquanto enquadres nos quais se formam as representações – dá-se através da passagem da palavra alheia, do plano cotidiano, à palavra minha na formação da enunciação, processo por meio do qual se efetivam as representações dos acontecimentos na interação responsiva pela qual se regulam os atos enunciativos.

Enquanto evento representado, a situação interativa – refratada, lembremo-nos –, na qual se aloca os nossos personagens, enquadra-se em certo cronotopo enunciativo em constante dependência dos acontecimentos históricos os quais constitui e representa, cujo movimento, na realidade das interações imediatas, dá-se através de sua vinculação às formas de organização social e de produção material de uma sociedade. O cronotopo do nosso enunciado, indissolúvelmente, liga-se aos da eventicidade histórica em formação. E, mais ainda, poderíamos afirmar que, fundamentando-nos em nossa compreensão de que somente percebemos e sentimos o cronotopo, construindo as suas imagens, através de nossas representações dos acontecimentos, o enunciado, sobre o qual nos debruçamos, constitui-se como o meio pelo qual se formam os enquadres cronotópicos como *formas da percepção* da relação entre o espaço social e o tempo histórico. O cronotopo, logo, institui-se como o *campo de representações* no qual se localiza o enunciado como a representação de um acontecimento.

Bem, a partir das relações intrínsecas na tirinha do Henfil, podemos analisar como a palavra, enquanto enunciado responsivo e enquanto *refrator referencial*⁸, coloca-se

⁸ Trata-se de uma das nossas propostas conceituais, pela qual desejamos analisar e compreender o processo indissociável entre a *referenciação* e a *refração*, uma vez que quaisquer de nossas enunciações referenciais a acontecimentos se realizam a partir de nossos lugares unioerrentes na eventicidade histórica de nossa existência em formação, quando nos localizamos, nos acontecimentos, em alteridade inelutável e ininterrupta com os nossos *outros*, posicionando-nos de maneira ideológica através de nossos atos, marcas de nossa existência única e insubstituível.

como integrante indispensável do circuito da alteridade, no e pelo qual se forma, constituindo-se, também, como um *operador mnemônico*⁹ do seu enquadre cronotópico. Conseguimos fazê-lo nos baseando nas réplicas dialógicas dos personagens, cuja discussão volta-se ao assunto sobre a candidatura da qual participarão como eleitores. No primeiro quadro, o P1 indaga ao P2 sobre em qual candidato votará. Considerando a sua indagação como um enunciado dialógico, que se dirige a um outro ativo e responsivo, pressentimos uma *indeterminação cronotópica* até a realização da resposta enunciativa do P2, que, exclamativamente, enuncia-se, posicionando-se no acontecimento, pelo enunciado “No Maluf!”. Há, entre ambos, a constituição de um dado cronotopo marcado por uma *heterogeneidade temporal* pela assimetria e pela diferença entre os lugares de cada um se alocando, em relação ao assunto, na situação de sua interação, que, no entanto, regulam-se no movimento de sua formação alteritária. Da indeterminação referencial a um acontecimento extrínseco *instantizando-se* em certa configuração espacial e temporal no primeiro enunciado do P1, passamos à determinação cronotópica da eventicidade histórica do Brasil da segunda metade do século XX – em especial, da década de 1980 – no primeiro do P2.

No segundo quadro, a *unidade do acontecimento* altera-se no seu movimento cronotópico, em correlação dialética com a mudança constitutiva dos lugares dos personagens na e pela linguagem em uso. Em outras palavras, nas e pelas enunciações, constituem-se as imagens do cronotopo se realizando enquanto movimento e transcurso. Podemos vê-lo, por exemplo, refletindo-se e se construindo nos enunciados dos personagens. No primeiro quadro, manifesta-se um movimento prospectivo, pelo qual se *adianta* um *cronotopo futuro*, na forma da locução verbal “[...] vai votar [...]” do P1, que, no segundo quadro, ocupando uma outra localização, remete-se a um *cronotopo passado* por meio da indagação “[...] você não tem memória, não? [...]”, o que se trata de uma retrospectiva. E, pelo segundo enunciado responsivo do P1, percebemos a constituição do espaço social enquanto arena na qual se estabelecem conflitos e embates de caráter

⁹ Como o nosso caso anterior, refere-se a mais uma de nossas propostas, pela qual almejamos indicar como a palavra, enquanto signo ideológico, pode instituir-se como um operador mnemônico, através do qual, enquanto leitores, sentimos o imperativo de mobilização de nossa *memória social*, com os seus esquecimentos, as suas refrações e os seus silêncios, sobre acontecimentos prospectivos e retrospectivos – que se tomam como pressupostos e subjacentes à produção de sentido de um enunciado. Tratam-se de acontecimentos históricos que se relacionam na formação de cadeias responsivas, vinculando-se uns aos outros em seus cronotopos, ato pelo qual se estabelecem as suas relações cronotópicas, através dos enunciados que se retomam e se suscitam no dialogismo de sua constituição. De nossa parte, portanto, realiza-se a necessidade de *localização* e de *correlacionamento* (aproximação dialógica entre enunciados) da enunciação, através da qual podemos mapear a formação ideológica da genealogia de certas séries das cadeias enunciativas, estabelecendo ligações entre os seus acontecimentos e os seus cronotopos.

ideológico com relação à figura do possível candidato do P2, o que se configura como uma representação refratada de uma forma de interação discursiva pela qual vemos a linguagem instaurando-se como um refrator referencial de um cronotopo histórico, a partir do qual se constitui, aliás, o da tirinha enquanto enunciação de plenitude acabada que se situa no espaço e no tempo.

Ainda, podemos compreender os enunciados dos personagens como, além de refratores referenciais, operadores mnemônicos pelos quais, enquanto leitores, precisamos de mobilizar, prospectiva e retrospectivamente, a nossa memória social sobre conhecimentos e enunciados de acontecimentos históricos, que se remetem aos cronotopos da eventicidade histórica nos quais a tirinha se constitui e aos quais se refere. Trata-se de um imperativo para a formação do processo ideológico de construção de sentido, uma vez que os acontecimentos se concatenam e os enunciados se regulam através dos atos de correlacionamento dialógico entre cronotopos estabelecidos pelos sujeitos. Um exemplo dá-se pelas enunciações dos seus personagens, dentre as quais destacamos, do primeiro quadro, a do P2, quando se refere a um sujeito político, e, do segundo, a do P1, quando se remete, polemicamente, ao *anterior* mandato político do candidato do P2, processo pelo qual pressupomos a mobilização de uma série de acontecimentos representados inter-relacionando-se no espaço e no tempo, mas que se encontram, entretanto, *pressupostos e subjacentes* à tirinha.

Na intrinsecidade do enunciado, a palavra, ao se alternar entre P1 e P2, acaba, alteritariamente, por intercalar-se entre *palavra alheia* – quando o P2, no primeiro quadro, enuncia ao P1 que votará no Maluf – e *palavra minha* – quando o P1, no terceiro quadro, pergunta ao P2 se votará no Maluf –, o que se dá na perspectiva do P1 em relação ao P2. O inverso efetiva-se em convergência com a localização do P2 em relação ao P1, pela qual compreendemos a passagem da palavra minha à palavra alheia. Eis o circuito da alteridade representando-se na tirinha, pelo qual, no entanto, percebemos os usos ideológicos através dos quais a palavra se refrata, servindo-nos como *indicador* da compreensão ativa e responsiva do período histórico e social no e pelo qual se formou o seu enunciado sobre o acontecimento representado – o qual representa, consequentemente, enquanto um refrator referencial e um operador mnemônico.

Considerações finais

De maneira geral, conseguimos perceber que a situação representada na tirinha se trata de uma refração de um tipo de intercâmbio comunicativo social: um diálogo. Logo,

reflete e refrata a tensa luta dialógica pela qual se forma a palavra. Quanto à constituição cronotópica da tirinha enquanto um enunciado de acabamento relativo, consideramos, de maneira geral, as possibilidades analíticas direcionando-se por duas veredas, que se constituem, entretanto, regulando-se na dimensão da produção ideológica, pelos efeitos de sentido, da representação sobre um acontecimento: pela primeira, no interior do enunciado, o que nos é dado pelos recursos semióticos, entre os quais se enquadra a linguagem verbal, por meio dos quais nos orientamos para a constituição de nossa percepção da mudança da situação comunicativa; pela segunda, na relação entre o enunciado representador e o acontecimento representado, ambos instaurando-se na eventicidade histórica, pelas suposições presentes nos enunciados dos personagens, que se remetem a posições ideológicas e a situações interacionais.

Para os nossos olhares responsivos, torna-se importante a compreensão da palavra enquanto um fenômeno ideológico dando-se nas e pelas relações dialógicas entre os sujeitos, em certas configurações cronotópicas, onde o espaço e o tempo se tornam indissociáveis. Os signos ideológicos, entre os quais se encontra a palavra, constituem-se em acontecimentos de interação, entre dois sujeitos organizados em sociedade, nos quais a eventicidade histórica representa-se como uniorrente, refletindo-se e se refratando no processo de significação ideológica da existência. O cronotopo forma-se nas e pelas construções ideológicas de sentidos dos enunciados, manifestando-se, contudo, como uma condição imprescindível para a realização das enunciações, uma vez que os discursos se efetivam instanciando-se nas e se delimitando pelas articulações entre o espaço e o tempo. Há, aí, uma relação de interdependência dialética.

A palavra, jamais compreendida como unidade de um sistema abstrato e determinante, realiza-se como um complexo axiológico e verbal no interior do qual se entrecruzam, como nos aponta Volóchinov (2017), índices de valor, o que se trata do reflexo da luta dialógica de classes e de grupos no e pelo seu uso. Logo, a palavra trata-se de uma materialidade ideológica da alteridade, referindo-se aos seus cronotopos, sem os quais não poderíamos sequer pressupor a sua existência. Remete-se ao espaço social e ao tempo histórico no qual se engendrou o seu uso específico e uniorrente, seja como enunciado autônomo, seja como componente enunciativo, determinando-se, em muitos casos, como um índice de refração referencial, articulando-se na operação mnemônica sobre acontecimentos outros, pressupostos e/ou subjacentes, de cronotopos anteriores e posteriores. Sem uma configuração consubstancial entre o espaço e o tempo, isto é, sem a formação do campo das representações, não podemos conceber a possibilidade de

constituição de um signo ideológico. Portanto, fora da historicidade, não nos parece haver a possibilidade de concepção de palavras, do mesmo modo como não há sujeitos.

Indo além, pelas nossas análises, conseguimos vislumbrar que, em um enunciado, encontramos, nas e pelas palavras em uso, uma complexa relação entre cronotopos, pela qual identificamos uns *em* outros, em um diálogo prospectivo, relacionando-se com o futuro, e retrospectivo, relacionando-se com o passado. Elencando, podemos delinear os seguintes cronotopos: o da uniocorrência dos acontecimentos da eventicidade histórica (os dos representados), o do acontecimento da autoria do enunciado (o do autor), o dos acontecimentos representados nos enunciados (o da representação) e do acontecimento da compreensão ativa e responsiva do enunciado no ato de leitura (o do leitor). Tratam-se de cronotopos que se constituem e regulam-se nas relações dialógicas, na historicidade em seu movimento e em seu transcurso, circuito no qual se insere a palavra como um dos seus componentes necessários para a realização dos processos ideológicos de sentido.

Por conseguinte, podemos considerar que a palavra se faz presente na constituição dos sujeitos, identificando-se ora como minha, ora como alheia, realizando-se em um espaço e em um tempo dos quais se torna um reflexo refratado à medida que se institui, em uma enunciação, como componente do processo de representação do mundo como acontecimento para sujeitos em relação dialógica. No caso sobre o qual nos debruçamos, podemos observar a passagem da palavra alheia à minha sob duas perspectivas: sob a primeira, compreendemos as vozes dos personagens como enunciados alheios que se transpuseram para o enunciado autoral, processo pelo qual a palavra alheia torna-se minha; sob a segunda, percebemos o movimento da alheia e à minha nas enunciações de cada personagem. Em ambos os instantes, há a transição cronotópica da palavra, pela qual se constitui dialeticamente. O cronotopo da palavra dá-se nas relações cronotópicas. Logo, entendemos, juntos com Bakhtin (2011a), que “não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá a sua festa de renovação. Questão do *grande tempo*” (p. 410).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Fragmentos de 1970-1971. In: _____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 21-56.

_____. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. Introd. e trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a, p. 393-410.

_____. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: _____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b, p. 225-261.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Para uma filosofia do ato**. Trad. da ed. Americana **Toward a Philosophy of the Act**. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993.

_____. **Teoria do romance II**: as formas do tempo e do cronotopo. Trad., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In.: _____. **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiz Neri. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988, p. 284-293.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). **Palavras e contrapalavras**: Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

GRILLO, S.; AMÉRICO, E. Glossário. In: VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da

linguagem. Trad., notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 353-367.

HENFIL. Teste de memória. **Pavablog**. 2012. Disponível em: <<https://www.pavablog.com/2012/07/04/teste-de-memoria/>>. Acesso em: 8 ago 2019.

MACÊDO, G.; VIEIRA, N. A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia. In: **Bakhtiniana**, n. 10, v. 1, São Paulo, 2015, p. 119-136.

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

MORSON, G. EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin**: criação de uma prosaística. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da USP, 2008.

OLIVEIRA, R; CASTRO DIAS, F; CUSTODIO, S. Marxismo e filosofia da linguagem: a refração do/no signo ideológico. In: COSTA-HÜBES, T; BAUMGARTNER, C; KUIAVA, J; PAJEÚ, H. (Org.). **Caderno de textos do VII CÍRCULO - Rodas de Conversa Bakhtiniana**: fronteiras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018, p. 332-352.

SILVA, A. P. Bakhtin. In: OLIVEIRA, L. A. (Org.). **Estudos do discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013, p. 45-69.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2016, p. 11-36.

VILLARTA-NEDER, M. **Dizeres e fazeres como enunciados**: arquitetura e sentidos para além dos textos. 2018a. (Mimeo.)

_____. **Sobre silêncio e sentidos**: uma abordagem bakhtiniana. 2018b. No prelo.

VOLÓCHINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e katerina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ARTIGO RECEBIDO EM 03/11/2019

ARTIGO ACEITO EM 30/11/2019